

3ª GUERRA MUNDIAL 16

MINISTRO DA GUERRA RUSSO: RÚSSIA ESTÁ NO RUMO CERTO.

kavkaz_2012

MINISTRO DA GUERRA RUSSO: RÚSSIA ESTÁ NO RUMO CERTO.

Construção de novo míssil balístico começará até o final deste ano

20/10/2012

RIA Nóvosti

Um novo míssil balístico intercontinental de combustível líquido de 100 toneladas começará a ser construído até o final deste ano. A informação foi transmitida nesta sexta-feira (19) à agência "RIA Nóvosti" pelo conselheiro do comandante da Força de Mísseis Estratégicos, o general aposentado Víktor Esin.

Construção de novo míssil balístico começará até o final deste ano

No início de outubro, o Ministério da Defesa russo aprovou o projeto preliminar do novo míssil, pedindo aos engenheiros para rever alguns aspectos", disse Esin, acrescentando que os trabalhos de pesquisa e desenvolvimento já tiveram início.

O anúncio está de acordo com as declarações anteriores do comandante da Força de Mísseis Estratégicos, Serguêi Karakáev, à agência de que a Rússia iria construir um novo míssil balístico intercontinental até 2018.

O novo aparato substituirá o míssil balístico pesado R-36M2 "Voevoda", conhecido no Ocidente como Satanás, que é capaz de carregar uma carga útil de até 10 toneladas.

Todos os mísseis balísticos intercontinentais anteriores projetados para lançamento a partir de submarinos (Bulavá) ou da terra (Tópol-M e Iars) eram de combustível sólido.

EduardPesov_RIANovosti_Lavrov_top

Brahimi irá se encontrar com Lavrov

na Rússia

26/10/2012

Voz da Rússia

Enviado especial da ONU à Síria visitará país na próxima segunda-feira (29) e deve discutir com o ministro dos Negócios Estrangeiros russo medidas “práticas” para resolver crise no país do Oriente Médio.

Brahimi irá se encontrar com Lavrov na Rússia

Ministro dos Negócios Estrangeiros, Serguêi Lavrov (esq.), e enviado especial da ONU e da Liga Árabe para resolução do conflito sírio, Lakhdar Brahimi (dir.), durante 67ª sessão da Assembleia Geral da ONU, em Nova York. Foto: RIA Nóvosti

O enviado especial da ONU e da Liga Árabe à Síria, Lakhdar Brahimi, visitará a Rússia na próxima segunda-feira (29), de acordo com o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo, Aleksander Lukachevitch.

“Esperamos para segunda-feira uma breve visita do enviado especial da ONU e da Liga Árabe, Lakhdar Brahimi”, anunciou Lukachevitch em uma coletiva em Moscou.

Segundo o porta-voz, Brahimi vai discutir com o ministro dos Negócios Estrangeiros russo, Serguêi Lavrov, “futuras medidas práticas para resolver a crise na Síria”.

Publicado originalmente pela agência [Voz da Rússia](#)

“Rússia é fator de estabilidade no Oriente Médio”

26/10/2012

Vladislav Vorobióv, Rossiyskaya Gazeta

O Oriente Médio continua a ser uma das regiões de importância crucial para a Rússia e o país não tem a intenção de diminuir sua presença nessa região. Na última parte da entrevista com o ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia, Serguêi Lavrov, na sede do jornal “Rossiyskaya Gazeta”, o chanceler comentou que **os russos farão o possível para evitar a evolução dos acontecimentos diante da possibilidade de uma intervenção militar no Irã.**

“Rússia é fator de estabilidade no Oriente Médio”

Foto: Serguêi Kúksin / Rossiyskaya Gazeta

Rossiyskaya Gazeta: *Nossos parceiros ocidentais costumam dizer que, em consequência da Primavera Árabe, a Rússia perdeu sua influência no Oriente Médio. O senhor concorda com essa afirmação?*

Serguêi Lavrov: Não concordamos com isso, até porque nossos contatos com os principais países da região não se tornaram menos intensos e, em alguns casos, ficaram ainda mais ativos. Os representantes desses países têm o prazer de vir à Rússia, nós mantemos contatos com todos os grupos de oposição, inclusive aqueles da Síria. Nenhum deles, nem

mesmo a oposição mais radical, diz coisas que ouvimos de nossos colegas ocidentais e alguns políticos da região.

No entanto, existem outros exemplos como, Yusuf al Qaradawi, um religioso famoso por lançar regularmente invectivas a nosso país através da rede de televisão Al Jazeera. Mas isso é uma anomalia. A grande maioria dos opositores sírios, os países árabes e outros com os quais mantemos contatos começam sempre qualquer conversa conosco por dizer que, para eles, é muito importante que a Rússia mantenha sua presença na região.

Aconteça o que acontecer, a Rússia continuará a ser considerada como parceiro confiável e fator importante, capaz de garantir um equilíbrio geopolítico nessa área.

Entre 8 e 10 de outubro deste ano, Moscou foi visitada pelo primeiro-ministro do Iraque, Nuri al Maliki. Recentemente, alguns políticos haviam dito que a Rússia ficaria do “lado errado da história”, referindo-se aos acontecimentos no Iraque. **Mas a Rússia seguia firmemente seus princípios, tentando fazer com que as decisões fossem tomadas em conformidade com o direito internacional**, e não pela simples razão de Colin Powell ter mostrado no Conselho de Segurança uma proveta com um pó branco, apresentado como antraz, para persuadir os membros do Conselho a aprovar uma operação militar contra Saddam Hussein.

Naquela época conseguimos defender os princípios do direito internacional precisamente porque **não demos o consentimento para que a guerra no Iraque fosse aprovada pelo Conselho de Segurança da ONU**. Estamos usando a mesma tática em relação à Síria e **temos sempre presente a lição da Líbia, que é lembrada por todo o mundo. Naquele momento, o direito internacional foi submetido a uma dura prova e as resoluções do Conselho de Segurança da ONU acabaram sendo deturpadas. E vejam o que está acontecendo na Líbia**. Da tragédia de Benghazi e do violento combate de Bani Walid, nem falo.

Nossos colegas ocidentais do Conselho de Segurança da ONU não têm muita vontade de falar sobre a situação na Líbia, tentando, ao mesmo tempo, nos persuadir a aprovar a resolução sobre a Síria. Nossa posição é a seguinte: primeiro, **devemos tirar lições da experiência na Líbia para não repetir esse erro colossal. Para nós, é um axioma absoluto**.

No que diz respeito às declarações de que estamos do lado errado da história ou de que perdemos o Oriente Médio, todas elas não passam de um mero engano, uma tentativa de fazer passar o desejo por realidade e colocar determinadas forças políticas contra nós. Mas só grupos regionais marginais podem fazer parte desse jogo. **Os países sérios e líderes da oposição maduros entendem bem como as coisas deveriam correr e encaram a Rússia como fator estabilizador na região**.

R.G.: O senhor acredita que Israel e os EUA irão bombardear as instalações nucleares

do Irã? Há possibilidade real de uma nova guerra?

S.L.: Como mostrou a experiência na Líbia, o roteiro militar é infelizmente possível. Por isso, vamos ser muito exigentes com todos os projetos de resolução apresentados ao exame do Conselho de Segurança da ONU e não permitiremos mais que seus textos sejam interpretados de forma tão astuciosa.

Quanto ao Irã, sabemos o que Israel e os EUA dizem a esse respeito. No entanto, não há nenhuma evidência de que o Irã tenha decidido desenvolver um componente militar de seu programa nuclear. Todo o programa nuclear da República Islâmica do Irã está sendo concretizado sob o controle da AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica).

O Irã enriquece urânio a 4,5 % para produzir combustível. Alguns de nossos colegas dizem não entenderem por que o Irã precisa produzir combustível nuclear em um momento em que o combustível para a usina atômica de Busher é fornecido pelos russos. Mas, segundo afirma o governo iraniano, o país precisa de combustível para seu reator de pesquisa em Teerã, o que não é proibido pelo TNP (Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares), e enriquece urânio a 20 %. Esse reator utiliza um combustível de uma taxa de enriquecimento mais alta.

Infelizmente, a AIEA não conseguiu acordar com o Irã um esquema para fornecer externamente combustível para seu reator de Teerã. A culpa não foi nossa por terem surgido dificuldades nesse caminho. Por outro lado, o reator de Teerã não está sob embargo e o desejo do Irã de obter combustível para ele é completamente legítimo.

É importante saber que aquilo que o Irã está fazendo não é proibido pelo Tratado TNP nem pelo regulamento da AIEA. Os problemas surgiram quando se soube que, há muitos anos, o Irã havia tido um programa nuclear secreto. Desde então, a AIEA tem se esforçado por entender a natureza desse programa nuclear. Em termos práticos, nada daquilo que é proibido foi descoberto no Irã. Só foram encontrados documentos, cuja origem é o objeto de esclarecimentos solicitados pela AIEA ao governo de Teerã.

É claro que nós apoiamos essa posição porque qualquer violação do Tratado de Não Proliferação das Armas Nucleares é inadmissível. Mas todas as unidades nucleares declaradas pelo Irã ao longo dos últimos anos estão sob monitoramento da AIEA. As instalações nucleares iranianas estão equipadas com câmeras que monitoram em tempo real as centrífugas e outras unidades e são visitadas regularmente por inspetores da AIEA.

Certamente queremos que a cooperação entre o Irã e a AIEA seja mais estreita e que o governo de Teerã comece a cumprir o Protocolo anexo ao Acordo de Salvaguardas. Apesar

de esse documento ser opcional, seria importante que o Irã cumprisse as exigências adicionais decorrentes desse protocolo, atendendo ao histórico de seu programa nuclear.

Mas repito: atualmente, todas as instalações nucleares declaradas pelo Irã estão sob o controle da AIEA. Estou seguro de que, no caso de um bombardeio ao Irã, surgirá um forte movimento no país a favor de romper as relações com a comunidade internacional e expulsar os inspetores internacionais e nos restará apenas supor sobre o que está acontecendo nas instalações nucleares iranianas.

Qualquer ameaça militar seria a maneira mais rápida de provocar os políticos radicais do Irã a começar a desenvolver ativamente um componente militar de seu programa nuclear. Atualmente, no Irã, no Oriente Médio e em muitos países árabes cresce o número daqueles que afirmam que a única maneira de se defender contra as revoluções de toda a espécie e mudanças do regime é possuir armas nucleares. **Essa é a consequência mais perigosa, em termos de segurança internacional, da chamada política de “democratização do Grande Oriente Médio” e da Primavera Árabe, que deu vigor às forças que hoje promovem caos na região.**

TAGS: IRÁLVAVROV

“Fizeram de Assad um bicho-papão”

24/10/2012

Vladislav Vorobióv, Rossiyskaya Gazeta

Em visita ao jornal russo Rossiyskaya Gazeta, chanceler russo fala sobre a continuidade do confronto na Síria e a falta de consenso entre os atores externos.

“Fizeram de Assad um bicho-papão”

Foto: Serguêi Kúksin / Rossiyskaya Gazeta

O conflito na Síria é um dos mais prolongados **desde o início da Primavera Árabe**. O poder no país continua dividido entre a oposição e o atual chefe de Estado, Bashar Assad. Paralelamente, a comunidade internacional continua enfrentando dificuldades para chegar a um consenso.

Enquanto os EUA e a União Europeia acreditam que o presidente Assad é a principal fonte de instabilidade no país e, portanto, sua renúncia é fundamental, a Rússia e a China consideram que tal atitude não é uma condição necessária para a restauração da paz no país.

Em visita à redação da Rossiyskaya Gazeta, jornal diário russo que detém o projeto RBTH e a Gazeta Russa, na última segunda-feira (22), o ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia, Serguêi Lavrov, comentou sobre a continuidade do conflito e as razões pelas quais a comunidade internacional não consegue chegar a acordo sobre a situação na Síria.

Confira a transcrição abaixo:

A Síria está na boca do mundo inteiro. É preciso fazer alguma coisa tanto no espaço midiático quanto no plano prático para dar fim ao derramamento de sangue no país. Infelizmente, slogans simplificados como aqueles que dizem que, “se não fossem a Rússia e a China, a paz teria se feito há muito tempo naquele país”, são metidos na cabeça dos cidadãos comuns e propagados. Na realidade, a situação é muito grave e toda a região está sendo afetada.

A Primavera Árabe é um fruto das sementes lançadas por George W. Bush e seu conceito de “Grande Oriente Médio” e democratização da região. Agora estamos colhendo os frutos dessa política de mudanças imposta externamente e não apoiada por quaisquer planos, previsões ou avaliações a longo ou, pelo menos, a médio prazo. O pior de tudo é que essas iniciativas de mudanças e democratização não foram levadas ao conhecimento dos países da região.

Dissemos isso quando os acontecimentos da Primavera Árabe começaram. Ao mesmo tempo, pedimos insistentemente que os atores externos fizessem o possível para criar um cenário externo favorável para que as forças políticas de cada país árabe ou outro pudessem chegar a acordo sobre as vias de realização dessas mudanças. O mesmo foi dito no caso da Síria.

Fizeram de Assad um bicho-papão. Na verdade, todas as acusações categóricas lançadas contra o presidente sírio visam disfarçar um grande jogo geopolítico. Estamos assistindo a uma nova formatação do mapa geopolítico no Oriente Médio. Nesse processo, os diferentes atores estão tentando consolidar sua posição. Muitos deles têm na mira nem tanto a Síria, mas o Irã, e dizem sem rodeios que querem privar o Irã de seu aliado mais próximo, como Bashar Assad.

Se encararmos a presente situação de uma forma mais abrangente, veremos que aqueles que estão sinceramente interessados na estabilidade da região e na criação de condições favoráveis à prosperidade da mesma (os recursos para tanto existem na região) devem abandonar a lógica de isolamento, aplicada atualmente em relação ao Irã e, antes, em relação à Síria, e optar por uma lógica de envolvimento. **Para nossa tristeza, nossos parceiros ocidentais optam, em muitos casos, pela lógica de isolamento, instrumentos de coerção e sanções unilaterais e contornam o Conselho de Segurança das Nações Unidas para derrubar um governo.**

Entendemos que tal política é contraproducente. As prescrições impostas externamente jamais darão um resultado estável e duradouro. Tal resultado só pode ser alcançado através de um diálogo. Esses princípios podem ser completamente aplicados em relação à situação na Síria.

Aplicando o princípio do envolvimento, defendemos, desde o início da crise, a ideias de todas as partes beligerantes pararem de praticar a violência e iniciarem um diálogo inclusivo com a participação de todos os grupos opositoristas e do governo.

Foi por isso que, no ano passado, apoiamos a iniciativa da Liga Árabe de criar uma missão de observadores árabes na Síria. A iniciativa começou a trabalhar nesse país com a aprovação do governo sírio. Havíamos feito muitos esforços para persuadir o governo sírio a aceitá-la. No entanto, assim que os observadores fizeram o primeiro relatório dizendo que a responsabilidade pela escalada de violência era não só das forças governamentais, mas também da oposição armada, a Liga Árabe infelizmente encerrou a missão.

Em seguida, veio o plano Kofi Annan que também previa o início de um diálogo, entre outras coisas. A fim de criar condições necessárias para sua concretização, foi proposto instalar no país uma missão de observadores da ONU. Com nossa ajuda, as candidaturas foram aprovadas pelo governo de Damasco. No entanto, assim que surgiram os primeiros resultados e a violência começou a diminuir, os observadores viraram alvo de provocações armadas. As condições no país ficaram tão difíceis para o funcionamento da missão que os observadores internacionais foram retirados.

Tem-se a impressão de que, assim que a situação começa a apresentar sinais de melhoria, alguém faz esforços para impedir que ela tome um rumo pacífico e fomenta o derramamento de sangue e a guerra civil na Síria.

Repito: a Rússia tem se esforçado para a Síria e todas as forças da oposição entenderem que o cessar-fogo e as negociações não têm alternativa. Por nossa iniciativa e de Kofi Annan, o Grupo de Ação se reuniu em 30 de junho, em Genebra, aprovando um acordo conhecido como comunicado de Genebra. Segundo o documento, as partes beligerantes devem cessar a luta armada enquanto todos os atores externos devem usar de sua influência sobre as partes do conflito para coagi-las a declarar simultaneamente o cessar-fogo e iniciar as negociações.

Esse comunicado foi aprovado por consenso e reflete a posição acordada entre todos os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, Liga Árabe, Turquia, União Europeia e ONU. Bashar Assad acolheu favoravelmente o documento em causa e designou seu delegado às negociações. Já a oposição síria ignorou nosso apelo unânime lançado em Genebra e não designou seus negociadores nem aceitou o documento.

É especialmente triste ver que a oposição síria usa cada vez mais a tática de atentados terroristas. Ao contrário da prática tradicional criada há muito tempo, nossos parceiros ocidentais começaram a se recusar a condenar esses atos terroristas no Conselho de Segurança da ONU. Nossos parceiros norte-americanos chegaram ao ponto de dizer por intermédio do porta-voz de seu departamento de

Estado que a permanência de Bashar Assad no poder só fomenta as tendências extremistas. Acredito que enfrentamos uma posição muito perigosa que pode ter efeito bumerangue e se virar contra seus autores.

Publicado originalmente pelo jornal [Rossiyskaya Gazeta](#)

“Relações entre Turquia e Rússia ficarão tensas”

15/10/2012

Margarita Polianskaia, Kommersant FM

Editor-chefe da revista Russia in Global Affairs fala sobre desdobramentos do incidente envolvendo avião sírio interceptado.

“Relações entre Turquia e Rússia ficarão tensas”

Editor-chefe da revista Russia in Global Affairs Fiódor Lukiânov. Foto: Divulgação Fiesp

Na semana passada, caças da Força Aérea turca obrigaram um Airbus A-320 que seguia de Moscou para Damasco a pousar para uma inspeção por suspeita de transporte de carga ilegal.

Após a vistoria no aeroporto de Ancara, a polícia turca apreendeu equipamentos de comunicação, rádios e jammers (equipamento bloqueador de sinal).

Segundo o porta-voz da diplomacia russa, Aleksandr Lukachévitch, a Rússia exigiu explicações de Ancara pela interceptação do avião sírio que colocou em perigo os 17 passageiros russos presentes na aeronave.

Em entrevista à emissora de rádio Kommersant FM, o editor-chefe da revista “Russia in Global Affairs”, Fiódor Lukiânov, fez comentários a respeito da polêmica.

F.L: Acho que, a partir de agora, as relações entre a Turquia e a Rússia ficarão mais tensas. Tudo vai depender se os dois países desejarem agravar ainda mais o conflito, mas não acho que seja o caso. A Turquia está interessada na Rússia.

Até há pouco, parecia que as grandes divergências existentes entre os dois países quanto ao problema sírio não afetariam as relações bilaterais e que os dois países conseguiram separar uma coisa da outra. Infelizmente, agora a situação mudou. A Turquia está muito envolvida no conflito interno da Síria.

O problema sírio deixou de ser regional e virou turco também, pois os territórios ao longo da fronteira turca passaram a ser controlados pelos militantes do Partido Curdo do Trabalho

(PKK), e não pelo governo sírio. Para a Turquia, trata-se de uma ameaça real, porque seus piores inimigos podem criar postos avançados bem perto da fronteira.

À espera de surpresas no Oriente Médio

9/10/2012

Evguêni Satanóvski, VPK

EUA não podem mais ignorar o antiamericanismo em países islâmicos onde há pouco exerciam influência.

À espera de surpresas no Oriente Médio

Ilustração: Aleksêi Iosch

As manifestações em massa antiamericanas provocadas em setembro passado pela divulgação do filme “**A Inocência dos Muçulmanos**” na internet levaram a administração Obama a rever sua estratégia em relação ao **Oriente Médio**. Outro motivo foi o fato dos eventos acontecerem durante a campanha eleitoral no país.

Em consequência do fracasso de sua política de pacificação dos islamistas no âmbito de uma “aliança estratégica” com os governos do Qatar e Arábia Saudita, empenhados em levar a Irmandade Muçulmana ao poder nos países árabes situados fora da Península Arábica, os EUA não romperam suas relações com esses países, tornando-as, contudo, menos intensas.

O assassinato do embaixador e três diplomatas norte-americanos na Líbia cometido pelos ex-rebeldes é um de muitos exemplos do gênero observados no mundo islâmico. Eles estavam perfeitamente familiarizados com a rotina diária e a disposição interna do prédio do consulado americano em Benghazi por tê-lo visitado com frequência para encontros com altos diplomatas americanos.

Outra tendência semelhante foi observada durante os recentes confrontos em massa entre soldados afegãos e seus “irmãos de armas” ocidentais em que as tropas da coalizão ocidental no Afeganistão sofreram perdas humanas mais numerosas do que em combates diretos com os talibãs. Diante disso, o comando da Otan proibiu que as unidades militares inferiores a um batalhão realizem quaisquer operações conjuntas com os militares e policiais afegãos.

Podemos afirmar que os EUA e a Otan enfrentam no Oriente Médio problemas semelhantes aos sofridos pela União Soviética no período de expansão do bloco socialista pela região, com a

única diferença de que agora os EUA e seus aliados estão tentando implantar a democracia, e não o socialismo.

Os investimentos ocidentais no processo são feitos em moeda livremente conversível, o que facilita seu desvio em detrimento de grandes projetos na agricultura, indústria e infraestrutura.

Os diplomatas e conselheiros militares americanos e europeus, como outrora soviéticos, viram alvo de ataques por parte de grupos paramilitares e políticos locais assim que se tornam desnecessários a seus chefes políticos ou militares.

A análise dos protestos que seguiram o filme polêmico feita pelo Instituto de Estudos sobre o Oriente Médio (IEOM) permite dividir os países onde houve manifestações em diversas categorias.

A primeira categoria inclui os países da Primavera Árabe, onde o poder está sendo disputado entre os grupos próximos do Qatar (“islamistas moderados”) e aqueles apoiados pela Arábia Saudita (salafistas). Afastados do governo, os salafistas estão tentando tirar o controle da situação dos “islamistas moderados” que ocuparam posições-chave nos setores executivo e legislativo do governo.

O segundo conjunto inclui os países e as monarquias árabes, onde a situação política interna é controlada pelos governos locais. Nesses países, as manifestações antiamericanas ainda não resultaram em agressões contra as instalações americanas e são utilizadas pelos governos locais como instrumento de pressão sobre os EUA ou como válvula de escape que redireciona com êxito a energia destrutiva das manifestações de rua para fora.

No terceiro e último grupo estão os países estranhos ao mundo islâmico, como a Rússia e os integrantes da União Europeia. Nesses locais, as manifestações dos seguidores locais do profeta Maomé não passam de uma demonstração do potencial combativo das comunidades islâmicas locais financiadas externamente e de sua disponibilidade para assimilar as ideias do pan-islamismo e servir de alicerce para ações globais. Paralelamente, não deixam de ser um teste de resistência para os governos em questão.

Desdobramentos

O confronto entre o Irã e as monarquias árabes no “crescente xiita” (território formado pelo Líbano, Irã, Iraque, Síria) envolvendo grupos hostis locais pode provocar um conflito armado de dimensão regional no Golfo Pérsico, independente de onde eclodir – seja na Síria, Líbano, Iêmen, Iraque, província oriental da Arábia Saudita ou no Bahrein.

Os especialistas do IEOM consideram que a guerra poderia começar em março ou abril de 2013, ou até mesmo antes, caso aconteça algum incidente em qualquer um dos países acima citados. Israel também está pronto para uma guerra com o Irã, inclusive sem o apoio dos EUA.

Nesse contexto, os resultados das próximas eleições presidenciais nos EUA têm grande importância. **A vitória de Romney e, como resultado, a chegada dos republicanos ao poder, irá reforçar as relações militares entre os EUA e Israel em muitos aspectos, inclusive aquele referente à questão iraniana.**

A vitória de Obama, pelo contrário, irá enfraquecê-las, embora seu interesse em manter boas relações com o Qatar, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos seja por si só um argumento importante para que os EUA comecem uma guerra contra o Irã.

Enquanto isso, na Rússia, o lobby iraniano e os grupos islamistas financiados pelas monarquias árabes são revigorados diante da estagnação da guerra civil na Síria e do próximo (e praticamente inevitável) conflito militar no Golfo Pérsico com a participação do Irã.

Na imprensa iraniana, os artigos que pedem ajuda de Moscou para fazer frente ao Ocidente, redigidos em um estilo muito parecido com o estilo agressivo da propaganda soviética dos anos 50, aparecem ao lado dos materiais contendo fortes críticas aos especialistas russos e organismos internacionais que abordam o programa nuclear do Irã.

Os grupos sunitas radicais, sobretudo salafistas, intensificaram suas atividades nas regiões islâmicas da Rússia. Os atentados terroristas contra os líderes religiosos do islã tradicional e as campanhas de ocupação de mesquitas no território russo têm como pano de fundo uma retórica agressiva e acusações contra a Rússia, justificando o apoio do país aos xiitas e à oposição aos sunitas.

Apesar de tudo, isso evidencia o sucesso da política russa de neutralidade e não adesão a nenhuma das partes no conflito árabe-persa que está se desenrolando no mundo islâmico.

Evguêni Satanóvski é presidente do Instituto de Estudos sobre o Oriente Médio

Ocidente recua para evitar confronto com Irã

17/09/2012

Andrêi Kisliakov, analista militar

O novo pedido da diplomacia russa para abandonar a posição de confronto em relação ao programa nuclear iraniano finalmente caiu em solo fértil. Ainda há pouco unânime em relação à necessidade de tomar uma medida preventiva no Irã, a coalizão anglo-americana se dividiu. Se a tendência observada para o abandono da solução militar da questão iraniana se mantiver, a ameaça de uma guerra em grande escala irá diminuir de forma significativa.

Ocidente recua para evitar confronto com Irã

Ilustração: Sergêi Iólkin

Durante a recente reunião com os países-membros da Conferência sobre a Interação e as Medidas de Confiança na Ásia (CICA), o ministro dos Negócios Estrangeiros, [Serguêi Lavrov](#), declarou que “entre os temas internacionais mais urgentes estão a situação do programa nuclear iraniano e a questão nuclear da península da [Coreia do Norte](#)”.

O chefe da diplomacia russa também acrescentou ainda que negociar com Teerã e Pyongyang é o único caminho para eliminar as preocupações da comunidade internacional.

Mas pouco antes da declaração do chanceler russo, o governo de Israel, pressionado pelo Ocidente, sobretudo o Reino Unido, havia abdicado da ideia de realizar **um golpe militar contra o Irã.**

Segundo a mídia israelense, o enviado especial do governo britânico havia recentemente visitado o país para entregar ao governo israelense uma mensagem do primeiro-ministro David Cameron, recomendando, em tom bastante duro, que o governo israelense se abstivesse de usar a força militar contra os iranianos.

A recomendação do governo britânico associada às conversas telefônicas entre o premiê israelense, Benjamin Netanyahu, e a chanceler alemã, Angela Merkel, reduziram assim o potencial de conflito na região.

Risco constante

É difícil supor que tanto Israel quanto os EUA ignorem o arsenal militar do Irã. Mesmo se limitando aos dados publicamente disponíveis citados por fontes internacionais credenciadas como o IISS Military Balance, Jane's Defence, Defense Daily Aviation Week & Space Technology e outras, é possível prever o estrago causado pelas Forças Armadas do Irã no caso de um conflito militar.

Leia mais:

[AP-bushehr_165](#)

[Usina nuclear russa no Irã planejada para dezembro](#)

Apesar da aparente fragilidade do Exército iraniano em comparação com a eventual coalizão ocidental, uma operação terrestre contra um país com um relevo montanhoso e muito acidentado e 70 milhões de habitantes hostis é, de fato, impossível. Por isso, a coalizão terá de se limitar a operações de desembarque.

Por outro lado, com uma poderosa linha de defesa e uma tática de pequenas guerras com o uso de foguetes aprendida pelo Irã, uma operação de desembarque também poderá custar à coalizão numerosas baixas.

“Resta somente a possibilidade de uma guerra aérea contra as tropas convencionais do Irã”, diz Aleksandr Kóstin, especialista russo em assuntos militares. “Mesmo assim, é preciso ter em conta dois fatores. Em primeiro lugar, essa campanha será prolongada e durará meses. Além disso, ficarão suscetíveis a retaliações por parte do governo iraniano”, afirma Kóstin.

A lista de eventuais medidas de resposta do Irã é extensa. “O Exército e a Marinha do Irã já possuem mísseis táticos capazes de atingir instalações navais e terrestres dos EUA na região”, adianta o especialista.

Mais prejuízos

As instalações-chave da infra-estrutura sensível, ou seja, portos, usinas de dessalinização da água e outras unidades usadas no interesse dos EUA, também podem ser atacados pelo Irã. Os ataques contra cidades do Golfo Pérsico não terão grande significado militar, mas o impacto psicológico e político na região pode ser muito substancial.

Ainda de acordo com Kóstin, o Irã pode pedir apoio de forças políticas e militares aliadas como o Hezbollah libanês e o Exército de Mahdi iraquiano assim como

organizações do Afeganistão, Iêmen e Bahrein que ainda não se revelaram.

“Controlando o estreito de Ormuz, o Irã pode prejudicar o comércio internacional. A presença do perigo para os navios, por mais hipotética que seja, aumentará o valor dos seguros marítimos e, assim, provocar uma crise em termos de fornecimento de recursos energéticos em escala global”, considera o especialista.

Qualquer dano à infra-estrutura petrolífera de um dos países do Golfo Pérsico pode ter consequências catastróficas não só para a economia internacional, mas também para o meio ambiente.

Na opinião do ex-embaixador de França em Teerã, François Nicoulaud, o bombardeio das instalações nucleares no Irã como, por exemplo, a usina nuclear de Bushehr, pode ter consequências, ainda que menores, semelhantes às do acidente de Fukushima.

Andrêi Kisliakóv - analista da emissora “Voz da Rússia”

Moscou exorta EUA e UE a suspenderem sanções contra Síria

1/09/2012
RIA Nóvosti

Rússia quer que os Estados Unidos e a União Europeia levantem imediatamente todas as sanções unilaterais impostas à Síria, diz o embaixador da Rússia nas Nações Unidas, Vitáli Tchúrkin. Segundo ele, medidas apenas complicam a vida dos cidadãos comuns.

Moscou exorta EUA e UE a suspenderem sanções contra Síria
Embaixador da Rússia nas Nações Unidas, Vitáli Tchúrkin. Foto: AP

Durante a reunião do Conselho de Segurança sobre a Síria nesta quinta-feira (30), Tchúrkin disse que a Rússia pede “aos países que impuseram sanções anti-Síria para suspenderem tais medidas imediatamente”.

“Essas medidas punitivas, ignorando o conselho das Nações Unidas, não têm nada em comum com os esforços reais para resolver a crise síria”, afirmou o diplomata russo.

No dia 23 de julho, a União Europeia reforçou as sanções contra a Síria, incluindo a ampliação do embargo de armas, em resposta à escalada da violência no país árabe.

A Rússia declarou que as novas medidas se somam a um verdadeiro cerco à Síria, que contradiz as decisões do Conselho de Segurança da ONU e os Acordos de Genebra.

“Elas só complicam a vida dos cidadãos comuns, privando-os da possibilidade de satisfazer suas necessidades básicas”, arrematou Tchúrkin.

Originalmente publicado no site da agência [RIA Nóvosti](#)

1. [aberto na diplomacia norte-americana](#)

NOTÍCIASnews +

Tudo em aberto na diplomacia norte-americana

30/10 19:06 CET

Play/stop Video

[smaller text](#)[larger text](#)

1. [aberto na diplomacia norte-americana](#)

Play/stop Video

[smaller text](#)[larger text](#)

|

[More Sharing Services](#)

Outras Notícias

-  [W300px_3010-s-amanpour-foreign-policy](#)**Cristiane Amanpour acha que foi um erro a UE ter...**
30/10/2012 19:39 CET
-  [W300px_2310-newsplus-USA-foreign-debate-RTR39GD7](#)**Candidatos divergem pouco sobre política externa dos...**
23/10/2012 19:56 CET
-  [W300px_usa-early-voters-2710](#)**EUA: Voto antecipado dá vantagem a Obama**
27/10/2012 06:13 CET
-  [W300px_2610-obama-romney-masks-halloween](#)**Obama vence Romney na venda de máscaras do Halloween**
26/10/2012 08:44 CET
-  [W300px_us-elections-obama-vote-261012m](#)**EUA: Obama e Romney ombro a ombro na corrida...**
26/10/2012 11:43 CET

O balanço da política de negócios estrangeiros de Obama, principalmente na Europa e no Médio Oriente, é decepcionante.

O famoso discurso do Cairo no princípio do mandato não passou de uma ilusão.

A mão que estendeu ao mundo árabe traduziu-se na incompreensão inicial das reivindicações

da Primavera Árabe, principalmente sobre o Egito.

As mudanças radicais de liderança nesses países obrigaram a diplomacia norte-americana a improvisar uma política radicalmente diferente para a região.

Mas o que mais provocou a decepção das populações afetadas foi a incapacidade de Obama em reativar as negociações israelo-paestiniana.

Por outro lado, as relações entre o chefe do executivo israelita, Benjamin Netanyahu e Barack Obama são muito frias, mesmo quando Israel pede mais firmeza com o Irã.

No entanto, o autor e especialista da potência norte-americana, James Mann, considera que o embargo contra o Irã é precisamente um dos sucessos da diplomacia de Obama.

James Mann, Johns Hopkins University:

“O sucesso relativamente ao Irã é que foi capaz de ganhar um apoio considerável para impôr sanções económicas contra o regime de Teerã”

Nos Estados Unidos retêm-se os golpes infligidos à Al Qaeda e a estratégia para sair das guerras iniciadas por Bush.

Jordan Tama, American University:

“Teve muito sucesso na decapitação da liderança Al Qaida, da maioria dos líderes no Paquistão e no Líbano, incluindo Bin Laden. Também reduziu a presença militar americana no Médio Oriente, retirando-se do Iraque de forma responsável, sem que o país mergulhasse no caos ou numa guerra civil, e iniciou a retirada do Afeganistão”

Um outro analista considera que o Afeganistão continua a seguir um rumo incerto:

Michael Ou’Hanlon, Brookings Institution:

“Há um perigo real de que os talibãs tomem de novo as rédeas do poder no Afeganistão, e essa é uma das razões pela qual os Estados Unidos, com outras partes envolvidas, estão a tentar enviar a mensagem de que vão continuar a ajudar depois de 2014”.

Como garantir a estabilidade no Afeganistão, depois da retirada das tropas, sem que o país se converta num santuário de terroristas? A resposta cabe à próxima administração americana.